

Ministério do Turismo,
Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro
apresentam

O Vinho Encantado

Le vin herbé

Ópera de **Frank Martin**

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

11 de dezembro de 2022

ESTREIA BRASILEIRA

O Vinho Encantado

Le Vin herbé de Frank Martin

Theatro Municipal do Rio de Janeiro Salão Assyrio
11 de dezembro de 2022

Soprano 1 **Gabriela Meira**

Soprano 2 **Isolda (la blonde)** **Sophia Dornellas**

Soprano 3 **Brangaene** **Cinthia Fortunato**

Alto 4 **isolda das mãos brancas** **Sarah Salotto**

Alto 5 **mãe de isolda** **Cintia Graton**

Alto 6 **Andressa Inácio**

Tenor 1 **Guilherme Moreira**

Tenor 2 **Tristan** **Ricardo Gaio**

Tenor 3 **Karhedin** **João Campelo**

Baritono 4 **Rei Marke** **Paulo Maria**

Baixo 5 **Le Duc Hoel** **Murilo Neves**

Baixo 6 **Leo Thieze**

Piano **Silas Barbosa**

Participações especiais Cordas da Orquestra Sinfônica Brasileira – OSB

Violino 1 **Mauro Rufino** | Violino 2 **Daniel Passuni**

Violas **Cindy Folly** e **Thaís Mendes**

Violoncelos **Gretel Paganini** e **Eleonora Fortunato**

Contrabaixo **Rodrigo Fávaro**

Direção Geral **André Heller-Lopes**

Direção Musical **Priscila Bomfim**

O Vinho Encantado

Le Vin herbé de Frank Martin

Iluminação **Marcelo – Elétrica Cênica**

Projeto Gráfico: **Carla Marins**

Assessoria de Imprensa **Mary Debs**

Fotos **Leo Aversa**

Gravação em vídeo **Laís Azeredo Rodrigues**

Camareira: **Leila Melo**

Coordenação de produção **Maria Angela Menezes**

Produção **Tema Eventos Culturais**

Projeto contemplado no Edital Municipal em Cena 01-2021
Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Governo do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Eric Herrero, Eduardo Pereira e Equipe do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Equipe do Edital Municipal em Cena

Nikolay Sapoundjiev e Orquestra Sinfônica Brasileira

Bernhard Furger e Consulado da Suíça no Rio de Janeiro

David Alves e Escola de Musica da UFRJ

Leo Aversa e Helene Bonheur



Oitenta anos após sua estreia mundial, em Zurique, o Brasil finalmente assistirá pela primeira vez a célebre ópera **Le Vin Herbé (O Vinho Encantado**, em tradução livre), do compositor suíço Frank Martin (1890-1974).

A lenda da poção mágica que libertou o amor trágico de Tristão e Isolda, na versão de Martin, alcançou fama mundial após sua estréia cênica no Festival de Salzburgo de 1948. Nesta apresentação no Theatro Municipal do Rio de Janeiro os solistas estarão espalhados pelo fascinante Salão Assyrio. Para dar voz e vida ao espetáculo, 12 jovens cantores assumem todos os papéis, acompanhados de 7 instrumentistas da Orquestra Sinfônica Brasileira/OSB, numa especial participação, e do pianista Silas Barbosa, sob a direção musical e regência de Priscila Bomfim.

“O Vinho Encantado” é uma obra de formato original, transitando entre ópera e oratório. Nela, os cantores são ora vozes invisíveis que narram a ação e as emoções, ora protagonistas e personagens da célebre história do amor encantado de Isolda e Tristão”, adianta André Heller-Lopes, diretor artístico da montagem brasileira.



A História

Prólogo

O coro anuncia que escutaremos um conto de amor e de morte: **a lenda de Tristão e Isolda**, que amaram-se com grande alegria e dor. Morreram no mesmo dia; ele por ela, e ela por ele.



Isolda (la blonde) **Sophia Dornellas**
Tristan **Ricardo Gaio**

Primeira parte

O filtro de amor

1º quadro

Ao despedir-se da filha Isolda, sua mãe entrega a Brangaene um vinho encantado com ervas mágicas; é a poção de amor que fará com que os noivos apaixonem-se.

2º quadro

O navio levando Isolda afasta-se da Irlanda em direção à Cornualha. Ela chora sem saber que destino a espera. Quando Tristão tenta acalmá-la, é rechaçado. Isolda amaldiçoa a nave que os leva.

3º quadro

Durante uma calmaria, Tristão aporta o navio numa ilha. Sozinho com Isolda no barco, um pequeno servo lhes traz vinho para beber. Sem saber, bebem o vinho encantado; poção da paixão — amarga felicidade, angústia sem fim e morte. Mais tarde, horrorizada, Brangaene percebe o terrível engano.

4º quadro

A nave põe-se mais uma vez a caminho. No coração de Tristão parecia como se flores perfumadas se enraizassem em seu sangue — ele desespera-se entre o dever para com seu tio, o Rei Marc, e a traição que causa sua paixão por Isolda.

5º quadro

Isolda preferia odiar Tristão mas, no entanto, ama-o: doçura mais dolorosa que a raiva. Brangaene tudo observa, mais angustiada que todos por ser a única a saber o que se passava.

6º quadro

No terceiro dia que Tristão veio aos seus aposentos, Isolda convidou-o a entrar. Eles conversam sobre sentimentos que não sabem explicar. Ao final, Isolda pousou seu braço no ombro de Tristão; lágrimas turvaram o brilho de seus olhos e seus lábios tremeram. Ela confessa que seu tormento é o amor que sente por ele. Beijam-se. Brangaene tenta impedi-los e revela que beberam o vinho encantado, poção de amor preparada pela mãe de Isolda e que era destinada ao Rei Marc. “Que venha a morte!”, disse Tristão. E os amantes abandonam-se ao amor.

Segunda parte

A floresta de Morois

1º quadro

Isolda é rainha. Parece viver feliz, mas vive triste. O Rei gosta dela, mas, ao ser informado dos amores secretos de Tristão e Isolda, decide assassiná-los. Os amantes escapam para a floresta.

2º quadro

Um dia, o Rei descobre-os dormindo; uma espada separando seus corpos como símbolo de pureza. Marc poupa a vida dos amantes, porém deixa sua própria espada fincada no solo, marcando sua presença e a piedade divina que os permitiu seguir vivendo.

3º quadro

Sozinho, Tristão reflete sobre a atitude de seu tio, o Rei Marc, e sobre seus próprios sentimentos contrastantes: o amor pelo rei, que foi como um pai para ele, e a paixão por Isolda, que o desonra. Ele pede ajuda a Deus para conseguir compreender sua situação e que atitude tomar.

4º quadro

Sozinho na floresta, Isolda espera o retorno do amante. Também ela tem sentimentos contrastantes e está atormentada entre a lealdade que deve ao bondoso Rei Marc e sua paixão — uma relação que trouxe desonra ao herói Tristão.

5º quadro

Tristão retorna e explica que decidiu enfrentar o Rei e sua corte, submetendo-se ao destino, pois não pode suportar a situação em que vivem. Isolda concorda em partir. Em silêncio caminham.

Terceira parte

A morte

1º quadro.

Separados, os dois amantes não podem viver nem morrer sem o outro. Morriam em vida. Tristão foi para longe, tentando fugir de sua miséria. Ao final de três anos, como não recebeu mais notícias de Isolda, e achando que ela havia se esquecido dele, aceitou casar-se com a filha do Duque Hoël. Chamava-se ela também Isolda: “Isolda das Mãos Brancas”.

2º quadro

Para ajudar seu amigo Kaherdin, Tristão aceitou juntar-se a ele numa batalha. Preso numa emboscada, foi ferido por uma lança envenenada. Incurável, o veneno corroía suas carnes até os ossos e ele percebeu que a morte era inevitável. Foi então que ele quis rever Isolda.

3º quadro

Confessando a Kaherdin sua dor, Tristão pede-lhe que vá buscar Isolda. Deseja vê-la uma última vez e pensa que o Rei permitirá, sabendo como foram vítimas do vinho encantando: “Se conseguir trazê-la, suba a vela branca; caso negativo, abra a vela negra eu morrerei.” Escondida, sua esposa escutou tudo.

4º quadro

Isolda já se aproximava quando seu navio foi colhido por uma tempestade. Ela não tem medo de morrer, mas sim da tristeza que sua morte causaria a Tristão. Após 5 dias, a tempestade baixou e veio a calmaria. Sem poder alcançar seu amante, Isolda sonha com a cabeça de um javali, que mancha seu vestido de sangue. Então ela sabe que nunca mais verá Tristan vivo.

5º quadro

Muito fraco, Tristão luta contra a morte. Sua esposa se vinga, dizendo que o navio traz velas negras. O herói morre repetindo o nome de Isolda.

6º quadro

Quando Isolda desembarca, os sinos da morte já estão soando. Ela corre para o palácio, e afasta a outra mulher, Isolda das Mãos Brancas, dizendo: “Eu o amava mais”;. Beija então Tristão uma última vez e morre.

7º quadro

O rei Marc fica sabendo da morte dos amantes e viaja pessoalmente para a Bretanha para trazer seus corpos para casa. Lá, enterra-os nos dois lados de uma capela. Na noite seguinte, um arbusto de amoras cresce do túmulo de Tristan até o túmulo de Isolda. Ao ser removido, por três vezes cresce novamente. O Rei Marc proíbe então que se toquem nos arbustos.

Epílogo

Senhores, esse conto cantavam os trovadores do passado para todos que amam. Possam encontrar nesta história consolação contra a inconstância, a injustiça e contra todos os males do amor.

André Heller-Lopes

Direção Geral



Frank Martin

Genebra 1890 – Naarden 1974

Filho caçula de um pastor de dez filhos, Frank Martin é, com Arthur Honegger, o mais importante compositor suíço do século XX. *Le Vin herbé* é considerada sua obra-prima, e uma das mais originais obras do seu tempo.

Ao ouvir a *Paixão de São Mateus*, de Bach, aos doze anos, sua vocação foi determinada. Seu único professor foi o compositor Joseph Lauber, que o apresentou ao repertório pós-romântico. Inicialmente defensor do neoclassicismo seguindo o idioma de Ravel, na década de 1930 sob a influência da técnica dodecafônica, desenvolveu um estilo pessoal e ousado, cromático, cujas linhas principais estão sempre ligadas à ideia de uma tonalidade ampliada.

Embora em grande parte autodidata, Martin lecionou no Conservatório de Genebra e fundou o Technicum Moderne de Musique, onde conheceu Maria Boeke, que mais tarde se tornaria sua esposa.



Retrato de Frank Martin, Genebra, 1915, frankmartin.org

Entre os compositores suíços, teve seu protagonismo evidenciado por sua atuação em todos os gêneros musicais e pelo interesse internacional por sua obra desde a década de 1940.

Em 1946 muda-se para Amesterdão, na Holanda, e mais tarde para Naarden, onde se dedicou a compor em paz até sua morte em 1974. Na Holanda, foi professor do compositor Stockhausen.

Seu estilo de composição é um lirismo extremo, onde as linhas melódicas, muitas vezes muito pronunciadas e intensas, são sustentadas por acordes em constante mudança no baixo.

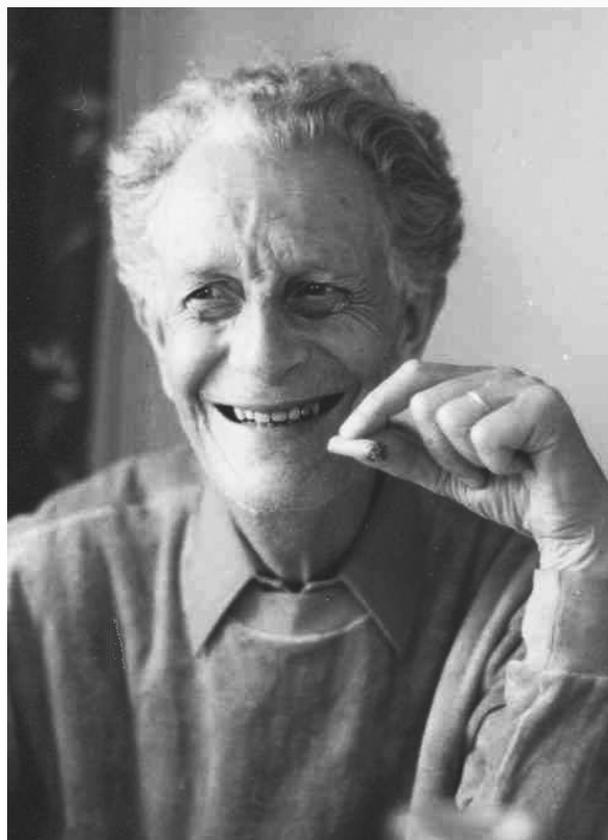
Nem tonal nem atonal em sentido estrito, sua música apresenta uma resposta original à questão que envolveu os compositores mais importantes do século XX.

Frank Martin é considerado um compositor protestante por excelência; mas esse é apenas um aspecto de sua música. Embora nunca tenha negado suas raízes religiosas, sempre evitou qualquer dogmatismo religioso ou musical; gostava de dizer que tinha fé, mas não uma religião específica.

Martin frequentemente musicava textos em alemão, inspirado em textos da Idade Média. Não por motivos religiosos, mas pela vivacidade e sinceridade desta literatura, que se afasta dos cânones clássicos e lhe dá uma nova inspiração.

Seu sentido de humor, a atitude aberta para com o jazz e, no final da sua vida, para com a música pop, revelam Martin como um compositor que escapou a todas as grandes ‘escolas’ de música do século XX.

Frank Martin conseguiu fugir das obrigações da vanguarda e seguiu seu próprio caminho.



Frank Martin, Arles, 1971, frankmartin.org

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SALÃO ASSYRIO

Praça Floriano, s/nº Cinelândia

Rio de Janeiro

Bilheteria

Segunda à sexta de 10h às 18h, sábado e feriado de 10h às 14h.

Domingo à partir de 10h, apenas em dia de espetáculo.

Fechamento 30 min após o início da apresentação.

theatromunicipal.rj.gov.br



Lei de Incentivo à
CULTURA

Produção

tema
EVENTOS CULTURAIS

Apoio Institucional



Schweizerische Eidgenossenschaft
Confédération suisse
Confederazione Svizzera
Confederaziun svizra

Consulado Geral da Suíça no Rio de Janeiro

Apoio



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Realização Institucional

Realização



orquestra
sinfônica
brasileira

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL